

DOI 10.33360/geonordeste.v37i.19424

Eliseu Pereira de Brito

Doutor em Geografia PPGeo/UFNT
eliseu.brito@ufnt.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-2788-6636>

Luciano Laurindo dos Santos

Doutor em Geografia PPGeo/UFNT
luciano.lsantos@escola.seduc.pa.gov.br
<https://orcid.org/0000-0002-4759-6345>

Henrique Martins da Silva

Mestre em Geografia PPGeo/UFNT
henriquematins24@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4676-9304>

RESUMO

O texto apresentado trata de um estudo realizado por pesquisadores da Universidade Federal do Norte do Tocantins e da Universidade Federal do Pará, ambas localizadas na Amazônia. Nesses estudos investigam populações tradicionais, com foco especial nas comunidades ribeirinhas. A pesquisa foi realizada ao longo dos últimos dez anos com ribeirinhos que vivem às margens dos rios Araguaia e Tocantins. A pesquisa foi conduzida por meio de métodos qualitativos, utilizando entrevistas e observações em trabalhos de campo, além de participação e vivência com as comunidades e aplicação de ferramentas do Diagnóstico Rural Participativo como o mapa falado e a travessia. Isso estabeleceu, de certa forma, uma abordagem etno-geográfica. A revisão teórica foi construída tomando como base os territórios simbólicos de identidade, na formação dos signos e geossímbolos ribeirinhos. Os ribeirinhos mencionados são aqueles que vivem às margens dos rios, os quais foram removidos e aqueles que buscam retornar ou permanecer em seus territórios na área do Bico do Papagaio, nos estados do Tocantins e Pará. Os resultados apontaram para um território em transformação, com impacto (in)direto na afirmação da identidade ribeirinha. No entanto, é importante destacar que isso não ocorre apenas no âmbito simbólico, pois são pessoas que lutam para manter seus territórios ribeirinhos, que são a base de suas re-existências.

Palavras-chave: Território de identidade, geossímbolos, ribeirinho.

ABSTRACT

Researchers from the Federal Universities of Northern Tocantins and Federal Universities of Pará, both in the Amazon, undertook a study that is the subject of the material that is being presented. Traditional populations are examined in these research, with a particular emphasis on villages beside rivers. Riverside villages along the banks of the Araguaia and Tocantins rivers were the subjects of the study, which was carried out over the course of ten years. Qualitative approaches were used in the research, including fieldwork observations and interviews, community immersion and engagement, and the use of Participatory Rural Appraisal instruments like the crossing and the spoken map. This created an ethno-geographic approach in a sense. The theoretical review was developed using the construction of signs and riverbank geosymbols as well as the symbolic domains of identity. Those who reside on the banks of the rivers, those who have been evicted, and those who wish to return or stay in their territories in the Bico do Papagaio region, in the states of Tocantins and Pará, are all considered riverside residents. The findings indicated a changing terrain that had an indirect effect on the statement of riverine identity. It is crucial to emphasize that this is not limited to the symbolic world, though,



because these are individuals who struggle to preserve their riverine lands, which serve as the basis for their re-existences.

Keywords: Territory of identity, Geosymbols, Ribeirinho

RESUMEN

El estudio que se está presentando es el objeto de investigación de los científicos de la Universidade Federal del Norte de Tocantins y e la Universidade Federal del Pará, ambas ubicadas en la Amazonía. En estos estudios se evalúan las comunidades tradicionales, con un enfoque específico en los pueblos que están cerca de los ríos. El estudio, que tuvo lugar a lo largo de una década, se centró en las aldeas ribereñas situadas en las riberas de los ríos Araguaia y Tocantins. La investigación empleó métodos cualitativos, entre ellos la observación y las entrevistas de campo, la participación ciudadana y la inmersión, así como las herramientas de Evaluación Rural Participativa (como el mapa hablado y el cruce). De alguna manera, esto estableció un enfoque etno-geográfico. Se realizó la revisión teórica a través de la creación de signos y geosímbolos ribereños, además de los dominios simbólicos de la identidad. Se considera que son residentes ribereños aquellos que viven en las orillas de los ríos y los que han sido desplazados, así como aquellos que quieren volver o quedarse en sus territorios en la región de Bico do Papagaio, ubicada en los estados de Pará y Tocantins. Los descubrimientos señalaron un terreno inestable que tuvo una influencia indirecta en la confirmación de la identidad ribereña. Es fundamental subrayar que esto no se circunscribe al ámbito simbólico, porque son personas que batallan por mantener sus tierras ribereñas, las cuales funcionan como fundamento para sus reexistencias.

Palabras Clave: Territorio de identidad, geosímbolos, ribeirinho.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre o tema reflete como a construção de hidrelétricas na Amazônia Oriental influenciou as vidas das pessoas que viviam ao longo dos rios Araguaia e Tocantins. A proposta de investigar as re-significações da vida ribeirinha é abordada por meio do estudo realizado junto à comunidade ribeirinha de Mirindiba (populações que habitavam a ilha de São José no rio Tocantins). Neste estudo, identificamos elementos presentes em suas paisagens e em suas práticas camponesas que re-significam a vida às margens do rio Tocantins. Trata-se da imitação da vida que se manifestava nas margens do rio represado, porém os indivíduos reconfiguraram suas territorialidades e geossímbolos, sendo alguns apenas simulacros, com o objetivo de preservar a permanência de suas paisagens passadas por meio de utensílios trazidos e formas de interação com a terra. Na análise, a observação foi realizada no assentamento Mirindiba em Araguaína (TO) o que chamamos de ribeirinhos assentados e em Tauri, em Itupiranga (PA), na diáspora dos ribeirinhos em resistência ao território.

A pesquisa foi realizada em um assentamento situado a cerca de 40 km de Araguaína e a mais de 100 km da antiga ilha de São José, no rio Tocantins. Trata-se de 18 famílias ribeirinhas que residiam às margens do rio e foram afetadas pela formação do lago da Usina Hidrelétrica Estreito (UHEE) em 2010 (Costa; Marinho, 2017). O assentamento localiza-se em áreas de chapadas, onde os solos são predominantemente distróficos, e a única fonte de água é o ribeirão Gurguéia, que integra a bacia do rio Lontra, afluente da margem direita do rio Araguaia. Na área de transição entre os Cerrados e a floresta Amazônica, a vegetação é composta por floresta ombrófila aberta. A ausência do regime de vazante dos rios cristalinos na fertilização do solo inviabiliza a realização da agricultura vazanteira e da pesca em águas correntes pelos sujeitos ribeirinhos que hoje habitam o assentamento.



Em contrapartida, há um aumento na dependência de técnicas e ciências para o manejo da terra e criação de peixes em tanques.

A vida ribeirinha na ilha de São José seguia um ritmo determinado pelas cheias e secas do rio. De certa forma, o plantio, a colheita, a pesca e a navegação estavam relacionados à vida nos rios. As cheias depositavam húmus nas áreas de vazante, o que fertilizava as terras. A prática de cultivar, navegar, interagir com a natureza e dela obter recursos para a sobrevivência era transmitida de geração em geração. O vínculo das pessoas com o rio formou a identidade ribeirinha, e atualmente, fora do rio, elas tentam criar uma identidade ribeirinha de assentados.

A conquista do assentamento não resultou em uma ruptura com a terra/solo, porém, a desterritorialização dos indivíduos foi inevitável. Eles perderam os geossímbolos da ilha e tentam imitar a vida que não existe mais por meio de objetos, pesca no ribeirão ou criação de peixes, criando novos signos no lugar. O território possui novos agentes e é monitorado, intensificado por técnicas e ciências. Não são mais os conhecimentos do cultivo em vazante que garantem boas colheitas, mas a expertise dos agrônomos no uso do solo de chapada e os saberes ribeirinhos que orientam a plantação.

Às margens do rio Tocantins, encontra-se a comunidade ribeirinha de Taury, composta por cerca de 30 famílias na época. A equipe técnica determinou o local da vila no Projeto Básico do estudo do lago de Tucuruí como área a ser submersa pelas águas. Uma parte da população recebeu indenização na forma de casas na zona urbana de Itupiranga, e a maioria se mudou para a cidade. No entanto, cerca de três famílias que não foram indenizadas permaneceram no local, aguardando a chegada das águas, que nunca alcançaram a vila. Não se trata de uma recusa das três famílias em permanecer no local, mas sim de um marco da diáspora para as terras ribeirinhas do rio Tocantins.

Assim como a resistência e permanência em terras próximas ao rio Tocantins, uma comunidade que se autodenomina "Ilha Verde", situada no município de Babaçulândia (TO), tentou viabilizar um retorno ao seu território nos anos de 2016 por meio de um acampamento às margens do lago. Ao se instalar em uma área designada para preservação, o processo se tornou desigual e qualquer tentativa de permanência no local é considerada ilegal. Com produções ribeirinhas focadas em pescados, hortaliças e frutas, que substituem parcialmente a oferta da Ilha de São José, tentaram criar um senso de permanência na região por meio da venda contínua de produtos orgânicos na feira da cidade de Babaçulândia. Por determinação judicial, essa população foi removida da área.

Realizamos o estudo utilizando o método descritivo exploratório, baseado nas observações dos locais e na aplicação das ferramentas do Diagnóstico Rural Participativo - DRP (Verdejo, 2006), além de entrevistas com os ribeirinhos. As ferramentas empregadas são do DRP, como o mapa falado, que mapeia os locais mais importantes, e os mapas de recursos naturais, que retratam as principais formas de uso do espaço, especialmente os recursos naturais. As experiências da pesquisa nas



comunidades foram conduzidas por meio de trabalhos de campo, envolvimento em atividades comunitárias e entrevistas com participantes diretamente envolvidos no estudo. Este é um estudo conduzido entre 2017 e 2026 com comunidades ribeirinhas na região do médio rio Tocantins e baixo rio Araguaia.

PELOS SIGNOS E SIGNIFICADOS, UMA PROPOSTA TEÓRICA

Rocha (2003) propõe um caminho para a compreensão conceitual por meio da discussão do signo em uma abordagem fenomenológica, interpretando-o semiótica e espacialmente com os instrumentos da geografia da percepção. A fenomenologia aborda a essência das coisas, fundamentando-se no estudo dos significados interpretados na semiótica. A Geografia da Percepção, segundo esta autora, procura criar interpretações do espaço na interseção entre semiótica e fenomenologia, analisando os signos e o cotidiano.

O debate teórico-conceitual sobre a percepção gera contribuições significativas, como a proposta de Merleau-Ponty (2011). Em sua "Fenomenologia da Percepção", o mundo da experiência mediado pelo corpo precede a categorização dos objetos. Nesse contexto, o que denominamos neste texto de signos espaciais é uma construção social resultante da interação das pessoas no espaço.

Com base em Gambarato (2005), todo signo é uma representação de algo, e sem essa condição de representação, não haveria signo. "Conclui, então, que as coisas tornavam-se conhecidas por meio dos signos" (Gambarato, 2005, p. 206). Esses podem ser naturais, originados da natureza, ou artificiais, inventados e criados com a intenção das pessoas de atribuir sentido às coisas. Ele não tem um único sentido dado a priori, ele representa a coisa, o sentido dado na representação. Tudo que é conhecido remete a algo, portanto, o signo pode estar na representação de algo.

A atividade do pensamento constrói signos-conceitos a partir da coisa percebida. O signo-conceito, gerado por meio do processo de semiótica (ação do signo), é aquele que representa ao intelecto um objeto intencional. Este não é, necessariamente, um objeto no mundo que obsta ao pensamento, pode não existir no mundo, mas se realiza na mente. Objeto intencional é, portanto, um possível lógico. O possível é anterior ao existente. (Gambarato, 2005, p. 208)

Na implicação conceitual, o signo atua tanto como representação da coisa quanto como a própria coisa representada. Nesse contexto, significar é o ato de representar algo, destacando a ideia da coisa representada. Rocha (2003) afirma que ruas, praças e prédios são considerados signos, levando em conta o que eles representam ou representaram na/para a cidade. O museu, a praça e até mesmo a rua possuem um valor histórico e humano reconhecido. Bonnemaïson (1987) aborda o significado que os jardins e bosques sagrados de Vanuatu têm para a comunidade. Seja como local de refúgio de uma erupção vulcânica ou de primeira aparição, há um significado atribuído às experiências humanas dos eventos que ali aconteceram.

De acordo com Rocha (2003), os significados surgem das experiências mais profundas com os lugares e objetos. Trata-se de uma interpretação dos lugares de vivência em Yu-Fi Tuan, na qual



não se pode atribuir significados sem uma permanência física junto aos objetos, sem as vivências acumuladas ao longo do tempo de proximidade e afeição. Para essas pessoas, os signos evocam lembranças passadas de glória ou amargura, além de remeterem a movimentos de lutas atuais.

Segundo Joly (1994), abordar a questão do signo por meio da semiótica implica propor seu modo de produção de sentido. Isso significa observar e analisar como os signos desenvolvem significados em quem os vê ou os percebe de alguma forma, bem como quais interpretações são geradas a partir de um ou mais signos presentes em um determinado contexto. "De fato, um signo só é considerado um signo quando expressa ideias e provoca uma atitude interpretativa no espírito daquele ou daqueles que o recebem" (p.30).

Nesse contexto, nossa realidade indica que todos os elementos podem ser vistos como signos. Sob a perspectiva de cada sujeito, qualquer elemento pode adquirir uma significação e uma interpretação quando é observado e lhe é atribuído um sentimento específico, em função das vivências e experiências de quem o observa.

Os signos podem assumir diferentes formas, como sons, ruídos ou objetos concretos de qualquer natureza. Joly (1994) aborda a questão dos signos em geral, definidos como podendo ser tanto linguísticos quanto naturais. Cada um desses signos pode receber uma interpretação específica, independentemente de qual elemento seja. Embora os signos tenham uma estrutura relativamente comum, isso não significa que sejam iguais. Joly (1994) afirma:

Se os signos possuem uma estrutura comum, não é por isso que eles são idênticos: uma palavra não é a mesma coisa que uma fotografia ou que um vestido, um painel rodoviário, uma nuvem, uma postura, etc. e no entanto todos podem significar algo diverso de si próprios e constituir-se portanto como signos. Para distinguir a especificidade de cada tipo de signo ((Joly, 2007, p. 38).

Todas essas questões apresentam particularidades no trabalho de compreensão dos signos e nos diferentes modos de interpretação, considerando as variadas perspectivas de cada indivíduo. Isso ocorre porque a significação do signo está intrinsecamente relacionada ao sujeito que observa e ao elemento que recebe a denominação de signo devido à sua relevância para o indivíduo.

A imagem, assim como diversos outros elementos, adquire a qualidade de signo e desempenha um papel importante nas discussões sobre compreensão. Isso ocorre porque a imagem exerce a função de representação visual e, ao assumir essa característica, começa-se a considerar qual mensagem essa representação transmitirá e qual é seu significado para cada indivíduo que a observa sob diferentes perspectivas. Nesse processo de busca pelo significado da imagem, é fundamental reconhecer que ela pode conter vários signos ao mesmo tempo. De acordo com Joly (1994),



O primeiro grande princípio a reter é sem dúvida, na nossa opinião, que aquilo a que chamamos uma imagem é algo de heterogêneo. O que quer dizer que ela reúne e coordena, no âmbito de um quadro (de um limite) diferentes categorias de signos: imagens no sentido teórico do termo (signos icônicos, analógicos), mas também signos plásticos: cores, formas, composição interna ou textura, e a maior parte do tempo também signos lingüísticos, da linguagem verbal. É a sua relação, a sua interação, que produz o sentido que aprendemos mais ou menos conscientemente a decifrar e que uma observação mais sistemática nos ajudará a compreender melhor. (Joly, 2007, p. 42).

Assim, é necessário um processo completo de observação das características que a imagem carrega e das categorias de signos que ela abrange. Isso se deve à complexidade da interpretação de uma imagem, que incorpora elementos nos signos lingüísticos que facilitam a compreensão de relações muito mais simples do que quando usamos um texto. A imagem apresenta um conjunto de elementos que possibilita uma série de reflexões. Ao considerar todas as circunstâncias presentes na imagem, podemos obter as ferramentas necessárias para desenvolver pensamentos e teorias.

A proposta que estamos desenvolvendo aqui é a de um mundo significado por homens e mulheres em relação direta com o rio, utilizando símbolos que permeiam um conjunto de ilhas, pontos de pesca, correntezas, canais, vales, travessões rochosos, corredeiras e várzeas, onde ocorre a vida ribeirinha e que servem como espaços de representação e domínio de suas territorializações. Nesse contexto, argumentamos que as águas possuem um significado simbólico para esses indivíduos.

SIMBOLOGIAS DAS ÁGUAS

Diversas ciências estudam a água, desde sua formação química, que ocorre quando partículas de hidrogênio se combinam com oxigênio, até os fatores que influenciam seu uso na legislação de um país. Para o geógrafo, a água é estudada enquanto fonte da vida, organização espacial, geopolítica dos povos e apropriação cultural. A discussão que estamos realizando aqui envolve considerar a água como um elemento de territorialização e desterritorialização dos ribeirinhos. Então, focaremos o debate em torno dos rios enquanto território de usos e simbólicos dos ribeirinhos.

A água é carregada de significados, tanto concretos quanto imaginários, desde sua função essencial para a sobrevivência humana e produção, incluindo a agricultura, indústria, vida urbana e lugares de pesca, até seu aspecto simbólico (Bachelard, 1989), que evoca mitos, crenças e imaginações associadas aos rios. Tem suas cores, conforme bem descrito por Sioli (2006) em suas pesquisas sobre a composição das águas amazônicas. Ele caracteriza os rios de águas brancas, formados por argilas provenientes das cordilheiras dos Andes; os rios de águas pretas, que possuem alto teor de ácido húmico diluído; e os rios cristalinos, que transportam musgos e material sedimentar do Planalto Central Brasileiro. Os encontros das águas criam um espetáculo à parte. Quando os rios Solimões e Negro ou Tapajós e Amazonas se encontram, isso já é impressionante. Porém, em escala menor, os igarapés em suas fozes também traduzem suas bacias hidrográficas em cores. Esses matizes de cores também podem ser observados nos rios afluentes da margem direita do Araguaia, na região



do baixo curso. Nessa área, os afluentes geram tonalidades distintas, conforme a composição da paisagem que drenam, de acordo com Brito e Shimaki (2021).

Sioli (2006) observou que um rio constitui um fator renal que drena uma paisagem e reflete as composições químicas do solo e da vegetação. À'Sáber (2005), ao discutir os domínios da natureza, aponta como fatores integrados que atuam. Nesse contexto de ação, o ser humano desempenha um papel significativo na composição das águas, especialmente no que diz respeito à remoção da vegetação, deslocamento do solo e adição de substâncias químicas. O rio, como elemento fundamental da paisagem, drena as áreas de sua bacia e sua composição reflete a paisagem alterada pelo homem.

Brito e Miranda (2021) afirmam que as águas despertam medos e prazeres, sendo uma fonte essencial para a vida humana. Durante as atividades de campo com os ribeirinhos do rio Araguaia, as histórias e narrativas envolvem momentos de medos vividos ou imaginados, que os indivíduos experienciam principalmente durante a noite. Os reflexos na água, os cantos dos pássaros noturnos, os saltos dos peixes e os ecos geram medos. O entrevistado (02, 2020) destacou: “imagina você sozinho, à noite, nas margens deste Araguaia, você vai ver como estranha demais. Um dia, um bicho tão grande rebanou aqui, que voou águas pra tudo quanto foi canto” disse um pescador na foz do rio Taquari, refletindo sobre como o medo pode estimular a imaginação e dar origem aos eventos mais impressionantes.

Além disso, essa água é essencial para a sobrevivência, sendo empregada pelas pessoas, segundo Diegues (2007), para saciar a sede do gado, irrigar plantações ou mesmo nos afazeres domésticos, como é o caso das lavadeiras de roupa do rio Araguaia.

Por mais impalpável e simbólica, a água é matéria, e, por mais material que seja, embala os sonhos, é fonte de inspiração poética, tal como se presencia nas imagens e símbolos humanos, em seus atos, na morte e na vida: a água move e umedece o real (Cunha, 2000, p. 16).

Laberge (2000) descreve o mar como um ente que evoca tanto medo quanto bravura, sendo indomável. Ele representa a mãe, enquanto o peixe simboliza o irmão que deve ser capturado e dominado. Ao jangadeiro, resta apenas o silêncio; na verdade, ele está sujeito ao silêncio, pois qualquer ruído de voz humana afasta o peixe. Fernandes (2017) discute a pesca de Pacu Branca no rio Araguaia, enfatizando o silêncio que o pescador deve manter durante a atividade. Nesse ponto, o pescador desliga o motor do barco e permite que a canoa deslize lentamente, evitando qualquer ruído para não espantar os peixes.

As águas criam rotas que conectam diferentes locais, funcionando como uma via de transporte, como exemplificado na rede dendrítica das cidades amazônicas, formada no contexto da economia de aviamento. Além disso, é nos rios que os ribeirinhos estabelecem locais para a pesca, geralmente demarcados por cevas e interligados por travessões e corredeiras, o que indica a habilidade e agilidade



na captura do pescado. O entrevistado (03, 2022) em Taury, na margem esquerda do rio Tocantins, destaca: “ele só pesca peixe de couro nas pedreiras, é a especialidade dele no Lorenção”. De certa forma, o território ribeirinho é definido por pontos e linhas que delimitam o rio. Esse território ribeirinho é simbólico e foi formado mais pelas identidades territoriais do que pelas disputas de poder relacionadas à posse da terra.

SOBRE TERRITÓRIOS SIMBÓLICOS

Para apoiar o debate proposto, realizamos uma análise desse território ribeirinho com base em Bonnemaïson (1987; 2000), que caracteriza o território como um conjunto de lugares interconectados por itinerários hierarquizados. Não se refere a uma soma de partes individuais; ao contrário, “il représente un tout, un ensemble organique ordonné par un réseau de Lieux diachroniques, articulés et hiérarchisés en fonction de leur relation a des lieux de prime apparition” (Bonnemaïson, 1987, p. 225). Ele pode representar locais descontínuos de pastagens, rota de errância (pirogue) ou até mesmo ter um caráter simbólico e complementa:

Ce peut être un cœur tout autant qu'une frontière ou tout au moins un balancement continu entre le cœur et la frontière. Le territoire, c'est cette parcelle d'espace qui enracine dans une même identité et réunit ceux qui partagent le même sentiment. Dans ce sens, c'est bien un lien avant d'être une frontière¹ (Bonnemaïson, 2000, p. 131).

Para o autor mencionado, o território reúne gentes com o mesmo sentimento de identidade. Ao contrário das "arbre", que possuem um território de vínculos fixo com o solo, os territórios de “pirogue” simbolizam a mobilidade, estando intimamente relacionados às pessoas que territorializam o espaço aquático e litorâneo.

Assim como os jangadeiros do mar de Coral (Oceania), os ribeirinhos que vivem às margens dos rios também não são diferentes. Segundo Diegues,

A noção de território é uma característica mais importante que marcam esses grupos tradicionais. O território, ocupado durante gerações, não é definido somente pela extensão territorial e os recursos naturais nele existentes, mas também pelos símbolos que representam a ocupação de longa data, como os cemitérios, as roças antigas, os caminhos e também os mitos e lendas. Em algumas dessas comunidades existem formas de uso comum do território como aquelas existentes entre os faxinais do Paraná, caiçaras e pescadores artesanais. (Diegues, 2007, p. 2)

Ao abordar os usos das águas pelos sertanejos, caboclos e caiçara, o autor retrata maneiras de apropriação e identificação desses grupos com o rio. E, como enfatizado por Bonnemaïson (1987), nem sempre há posse do território; na maioria das vezes, há apenas a identificação. Esse é um ponto que devemos considerar ao aplicar a noção do ribeirinho brasileiro. O rio é um bem comum e não propriedade privada de alguns.

¹ Ele pode ser tanto um coração como uma fronteira, ou, pelo menos, um balanço contínuo entre o coração e a fronteira. O território é essa parcela de espaço que se enraíza numa mesma identidade e agrega os que compartilham o mesmo sentimento. Neste sentido, ele é mesmo um laço antes de ser uma fronteira. SIC



Nas sociedades tradicionais a água, incluindo rios e lagos fazem parte de um *território e um modo de vida*, base de *identidades específicas (caboclos, quilombolas, entre outras)* ao passo que nas sociedades modernas a água, como bem de consumo é desterritorializada, canalizada de outros lugares muitas vezes distantes, com os quais as populações urbanas tem pouco ou nenhum contato. Algumas dessas sociedades tradicionais no Brasil são denominadas de ‘povos das águas’ porque vivem em estreita dependência do elemento aquático, seja dos rios ou mares. (Diegues, 2007, p. 4)

A partir dos resultados de estudos de campo com observação direta junto a ribeirinhos nos rios Araguaia e Tocantins, a concepção de território é entendida como um território identitário, fortalecido na resistência para garantir o acesso ao rio diante de grandes intervenções, como a construção da hidrovía Araguaia-Tocantins. Isso se manifesta nas comunidades de Taury, que buscam permanecer próximas ao rio, assim como nas comunidades da Ilha Verde, ou ainda na preservação dos modos de vida característicos dos ribeirinhos entre os assentados do Mirindiba. Para esses indivíduos, é necessário reafirmar diariamente seu território como garantia de permanência, que passa pelo rio, mas depende dos arranjos ali estabelecidos e dos consensos sociais. Brito e Miranda (2021) afirmaram que esses consensos são um conjunto de lugares de pesca, cevas, roça de vazantes e representam uma continuidade. Um ribeirinho do rio Araguaia destacou: “Meus avós e pais tinham o mapa deste rio, e debaixo daquele pé de manga que você avista bem longe era meu local de infância. De lá eu olhava eles aqui pescando.” O pescar não é apenas técnica, precisa de acordos entre os demais pescadores, que passam por mutirões e organização social. Bonnemaïson (1986) afirma que o território precisa de duração.

Ao desenhar na areia da praia do rio Araguaia (figura 1), o senhor Antônio estabelece um conjunto de lugares que fazem parte de sua vivência. Ao mesmo tempo, ele se preocupa com os lugares onde as coisas acontecem, garantindo que os limites estabelecidos pelos pescadores no rio sejam respeitados e que suas cevas não sejam invadidas por outros. Da planície aluvial, em um ponto identificado por um barraco de palha e lona, que insiste em mencionar que já se instala ali há mais de duas décadas para pescar e aproveitar o lazer da família durante as férias de julho, o lugar é construído por memórias de acontecimentos que marcaram sua vida e de acidentes com colegas em embarcação nas corredeiras de Sumaúma e Santa Isabel. De acordo com os ribeirinhos do rio Araguaia, o remanso dos botos, ponto em que o rio faz uma curva, é considerado o local de maior profundidade.



Figura 1 - A) Rotas e lugares ribeirinhos desenhados na praia do rio Araguaia em Ananás (TO). B) Remanso dos Botos com vistas às serras das memórias do ribeirinho a montante das corredeiras de Sumaúma



Foto: os autores, 2019

Embora os estudos sobre o Aproveitamento Hidrelétrico de Santa Isabel, divulgados em 1984 (Brasil, 1984), apontem que essa região será diretamente afetada pelo lago da hidrelétrica, os ribeirinhos ainda não demonstram preocupação com esse projeto. Seus discursos se concentram no emaranhado de linhas e pontos que definem os limites de sua atuação no rio e a área que demarca seus espaços, como as cercas das fazendas, que determinam a área de uso comum e a de propriedade privada. A paisagem é do acontecer e da “contemplação”, de certa forma da reverência como frisado por Shimasaki e Brito (2021). O nascer e o pôr do sol (figura 2) representam momentos que se entrelaçam entre a devoção e a organização do trabalho.

Figura 2 - A) Um pôr do sol no rio Araguaia provoca uma combinação de tonalidades, característica de um rio cristalino com águas claras que drenam o Planalto Central. B) Um alvorecer do ribeirinho preparando o peixe para o seu café da manhã



Foto: os autores, 2019

Em ambas as imagens, o ribeirinho mantém uma relação de experiências com o rio. Essa relação, de alguma maneira estruturada, entre o homem e o rio é rompida quando ocorre a transformação, e a área de pesca recebe novas dimensões, ampliando-se além dos limites anteriormente definidos. Em certos momentos, constata-se que a resistência se torna uma estratégia



para a manutenção do território. Para tal, são invocados aspectos característicos da vida às margens dos rios, como a religiosidade e os mutirões organizados, com o intuito de intensificar suas vozes nas reivindicações. Essas manifestações são, na maioria das vezes, lideradas pelo Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) ou realizadas em colaboração com as quebradeiras de coco Babaçu, um movimento mais bem estruturado. Na figura 3, apresentamos dois momentos que julgamos significativos para os ribeirinhos na resistência ao território; o primeiro movimento é perceptível em uma área ainda sem a manifestação de conflito territorial.

Figura 3 - A) Procissão religiosa em honra a São José, promovida por ribeirinhos nas margens das águas do lago da UHEE Estreito, no rio Tocantins, em Babaçulândia (TO). B) Manifestação dos ribeirinhos de Taury acerca do derrocamento do pedral do Lorenção no rio Tocantins, em Itaporanga (PA)



Foto: os autores, 2022

As devoções a São José em Babaçulândia representam um momento de festejos e de reivindicações por melhorias para os assentados, configurando, simultaneamente, uma oportunidade para o reencontro das antigas comunidades das ilhas e das margens dos rios. Este é um momento dedicado a recordar as vivências de pesca e a identificar, ao longo do rio Tocantins, os seus itinerários e lugares de pescarias. O rio para estes sujeitos que antes se apresentava bem definido nas tramas de seus lugares de consenso na posse, passou com o lago da UHEE de Estreito a ser desconhecido (Brito; Almeida, 2017). A falta de conhecimento decorre da ausência de identidade com o lago, embora exista uma afirmação forte da identidade ribeirinha. No lago, a atividade de pesca abrange uma área mais extensa, sem limites definidos por pontos e trajetos definidos. O tempo de conservação do pescado difere, impactando o cotidiano das comunidades ribeirinhas. Conforme mencionado pelo entrevistado (01), “uma corvina pescada em rede poderia permanecer por até 03:00h no rio Tocantins, enquanto no lago, 00:40h é o tempo que coleta o peixe em bom estado de conservação”. Esse fenômeno é atribuído à temperatura da água, que se eleva em decorrência da isolamento e da correnteza com velocidades reduzidas, fazendo com que as águas permaneçam por um período maior em exposição e, assim, ocorrendo um aquecimento mais significativo. A manifestação é um momento de



encontro, de troca de angústia com a situação do assentamento, mas as reivindicações são ofuscadas pelo ato religioso da festa.

A jusante da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, localiza-se uma comunidade de ribeirinhos chamada Taury, que representa a união em prol da permanência do território. Diferenciam-se dos ribeirinhos estabelecidos nas proximidades do rio pela abordagem mais assertiva na luta pelo reconhecimento de seu território, que também está intrinsecamente ligada à sua identidade. Trata-se de ribeirinhos que foram deslocados para a cidade de Itupiranga (figura 4), contudo, devido a um erro nas cotas das águas, sua vila não foi inundada. O que forçou uma diáspora dos habitantes para as suas residências às margens do rio Tocantins, paulatinamente ao longo dos primeiros cinco anos após o deslocamento forçado.

Figura 4 A) Casa ribeirinha da década de 1980, destinada como compensação aos habitantes de Taury. B) O Pedral do Lourenço é o local principal para a pesca dos ribeirinhos de Taury, assim como de outras comunidades



Foto: os autores, 2023

Entretanto, esses ribeirinhos, de certa maneira, tiveram seus locais de pesca modificados pela criação do lago que inundou permanentemente uma porção do pedral do Lorenço, resultando em uma nova dinâmica nas águas do rio. Conforme relatado pelos ribeirinhos, este pedral é um local que abriga uma diversidade de peixes comercializáveis, além de representar a maior concentração de ictiofauna neste segmento do rio Tocantins. Conforme afirmam os ribeirinhos, a hidrelétrica de Tucuruí, de certa maneira, diminuiu a quantidade de peixes e de espécies que se reproduziam no baixo rio Tocantins e migravam para o médio Tocantins.

A hidrelétrica de Tucuruí deixou de ser uma preocupação para os ribeirinhos, que agora voltam sua atenção para o derrocamento do pedral, a principal obra da hidrovia Araguaia-Tocantins, como seu centro de preocupação. O modo de atuação frequentemente empregado consiste em incluir os territórios ribeirinhos em unidades de preservação, relegando esses indivíduos a uma condição de ilegalidade, como ocorreu com os ribeirinhos da Ilha Verde e do Taury.



O pedral surge para esses indivíduos como um geossímbolo de forte identificação e demarcação territorial, uma vez que toda a complexidade de linhas e pontos se relaciona com o pedral. Trata-se de um espaço simbólico constituído por um conjunto de locais e rotas, solidificado no contexto da formação da identidade ribeirinha de Taury. Apesar de serem impactados diretamente com a hidrelétrica, reconstruíram seus lugares por meio de dois pontos de representação, a vila e o pedral do Lorenção, ambos impactados mas não destruídos.

Este processo se difere dos ribeirinhos desterritorializados, como os de Mirindibas, que estão estabelecidos a mais de 100 km das margens do rio Tocantins, em chapadas drenadas pelo pequeno ribeirão denominado Gurguéia. Apesar de ser um assentamento ribeirinho, as vizinhanças permanecerem, a identidade ribeirinha permaneceu, mas o território simbólico não é mais notável (Brito; Silva, 2021). Existe uma afirmação de identidade através de um conjunto repetições da vida ribeirinha (figura 6), que inclui tanto a atividade de lavar roupas em córregos quanto a utilização de máquinas de lavar em domicílios.

Figura 5 A) Mulheres realizando a lavagem de roupas no rio. B) Lugar destinado à lavagem de roupas por mulheres no assentamento Mirindiba, com a tábua em destaque, replicando a sua prática no rio Tocantins



Foto: os autores, 2020

A vida nas margens dos rios transformou-se no assentamento, e suas práticas sofreram modificações ao longo do tempo-espaço. Nesse local, já não é o tempo do rio que define o ritmo do trabalho, do cultivo e da comercialização dos produtos. Todas as atividades começaram a ser inspecionadas, estabelecidas por um conjunto de empresas que fornecem os insumos para a produção e reprodução, e que também é formado por um conjunto de empresas para as quais sua produção se destina. Deixou de ser um espaço meramente simbólico; ainda que se mantenham práticas como a construção de tarrafas e a pesca nas grotas, além de símbolos ribeirinhos, como a tábua de lavar roupa e os apetrechos de pescarias, o território é construído por atores sintagmáticos pela captura do território por meio do capital.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os resultados da pesquisa, o território ribeirinho possui um caráter simbólico e se distingue do território capitalista ao qual os assentados, que se afastam do rio, estão sujeitos. O rio se revelou como a modo de ser ribeirinha, espaço de vivências e de construção da identidade. Conforme destacou Bonnemaïson (1987), quando uma população tradicional perde seu lugar de existência, de certa maneira perde seu território. Entretanto, nota-se, ao longo deste processo, que, mesmo diante da perda de território, a identidade ribeirinha se mantém, porém, os campos locativos e seletivos tornam-se menos fortes (Brito, 2021). Ademais, existem outras reafirmações, como aquelas relacionadas à identidade de assentados e de produtores familiares.

Em ambas as comunidades, Mirindibas e Taury, apesar de estarem localizadas em pontos distante do rio Tocantins, ficou perceptível que as dimensões territoriais e identitárias da afetação, em decorrência da desterritorialização ocasionado pelo empreendimento hidrelétrico foram inicialmente, significativas, a tal ponto de ocasionarem cisões na coletividade, visto que, alguns membros decidiram se mudar para cidades como Marabá, Parauapebas, no caso de Taury, e Araguaína, no caso de Mirindibas.

Entretanto, os laços comunitários de compadrio, religioso, trabalho coletivo como as farinhadas e a pesca, aparecem na pesquisa como elementos centrais, capazes de produzir um efeito de resistência ao processo de desterritorialização até então experimentado por ambas as comunidades. No caso de Taury, esses elementos uniram as famílias, que paulatinamente ao longo dos cinco anos posteriores ao deslocamento, retornaram ao território e foram se reestruturando novamente na comunidade, com construção coletiva das casas e dos ambientes coletivos, como igrejas, associações e clubes de festas.

REFERÊNCIAS

BONNEMAISON, Joël. **L'Arbre et la Pirogue**: les fondements s'une identité territoire, histoire et société dans l'archipel de Vanuatu (Mélanésie). Paris: Éditions de L'ORSTOM, 1986.

BONNEMAISON, Joël. **Tanna**. Les fondements géographiques d'une identité: les Gens des lieux. Histoire et géosymboles d'une société enracinée. Paris: Orstom, 1987.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia Cultural**: uma antologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, vol. II, 2012. p. 279-304.

BRASIL, Ministério das Minas e Energia. **Aproveitamento Hidrelétrico de Santa Isabel**. Estudos de Viabilidade – Relatório Final, tomo II. Brasília: ENGEVIX S.A, junho de 1984.

BRITO, Eliseu Pereira de. Por uma leitura da identidade territorial tocantinense. In: RIGONATO, Valney Dias et al. (Org.). **Territórios, identidades e alteridades**. 1 ed. Ituiutaba: Barlavento, 2021, v. 1, p. 247-271.



BRITO, Eliseu Pereira de; SILVA, Henrique Martins da . Ressignificações da vida ribeirinha: das margens do rio Tocantins ao Assentamento Mirindiba em Araguaína - Tocantins - Brasil. **Novos Cadernos NAEA**, v. 24, p. 35-55, 2021.

BRITO, Eliseu Pereira de; SHIMASAKI, M. M. . A pesca artesanal no baixo rio Araguaia em Araguatins, Tocantins, Brasil. **Revista Geografica de America Central** (impresso), v. 67, p. 221-241, 2021.

BRITO, Eliseu Pereira de; ALMEIDA, M. G. . No itinerário dos expulsos pela UHEE Estreito. Território dos sujeitos ribeirinhos no rio Tocantins. **Revista de geografia (Recife)**, v. 34, p. 47-63, 2017.

CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. Significados múltiplos das águas. In: DIEGUES, Antonio Carlos. **A imagem das águas**. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 15-26.

DIEGUES, Antonio Carlos. Água e cultura nas populações tradicionais brasileiras. In: I Encontro Internacional, 2007, São Paulo. **Governança da Água**. São Paulo, 2007. p. 01-20. Disponível em: <http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/color/simbologua.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2021.

FERNANDES, Mowglas Lima. **Lugares e itinerários dos ribeirinhos do Médio rio Araguaia em Xambioá, Tocantins**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Geografia/Licenciatura) - Universidade Federal do Tocantins.

GAMBARATO, Renira Rampazzo. Signo, significação, representação. **Contemporânea**, Salvador (Bahia), v. 4, n. 1, p. 204-214, jan. 2005. Quadrimestral. Disponível em: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_04/contemporanea_n04_18_ReniraRam.pdf. Acesso em: 12 mar. 2021.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. Lisboa: Edições 70, 2007. 176 p.

LABERGE, Jacques. As naturezas do pescador. In: DIEGUES, Antonio Carlos. **A imagem das águas**. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 39-58.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

SHIMASAKI, M. M. ; Brito, Eliseu Pereira de . Territórios e identidades dos ribeirinhos pescadores vazanteiros do rio Araguaia em Araguatins. **Confins** (Paris), p. 01-20, 2020.

ROCHA, Lurdes Bertol. **O centro da cidade de Itabuna**: trajetória, signos e significados. Ilhéus, Ba: Editus, 2003.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico rural participativo**: guia prático DRP. Brasília: MDA / Secretaria da Agricultura Familiar, 2006.